

LUTA DE CLASSES EM PELOTAS, ARQUEOLOGIA SOCIAL NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL.

YURI ZIVAGO YUNG GRILLO¹; DIEGO VARGAS MORAES²; CLÁUDIO BAPTISTA CARLE³

¹Universidade Federal de Pelotas- UFPEL – e-mail: yurziyun@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- UFPEL – e-mail: diego.jahh@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- UFPEL – e-mail: cbcarle@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo se liga ao Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referência às sociedades tradicionais indígenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul. Várias são as formas de investigação desenvolvidas por este projeto e recentemente vem abrindo novos processos interpretativos, sendo a Arqueologia Social um destes novos procedimentos.

Marx e Engels indicam que a história da humanidade é a história da luta de classes. Utilizamos então a visão discutida, mas aceita que a “história” na arqueologia é o período em que as civilizações passaram a desenvolver a escrita, e “pré históricas” as civilizações que não a possuíam (ORSER, 2012). Faz-se por considerar este período o de nosso interesse para este estudo.

O período de surgimento da escrita corresponde aproximadamente com o surgimento das classes sociais e, conseqüentemente, com conflito entre elas (MARX, 1997). A história das classes sociais, do seu aparecimento e as transformações que nela ocorreram, são a base para o entendimento e compreensão das sociedades, pois as classes representam a infraestrutura social de um povo e o seu conflito representa o motor histórico (MARX, 1997).

Voltando à questão da escrita, pode-se perguntar: Por que ela surgiu? Não será difícil relacionar seu surgimento ao conflito de classes, talvez um dos primeiros que possa ter existido: a demanda por organização, por leis a serem obedecidas, a cobrança de impostos, enfim, o surgimento do estado e a dominação de uma classe por outra (MARX, 1997).

No Brasil a escrita também surge como forma de dominação e de controle: controle do europeu para com o índio e, posteriormente, para com o negro. Nasce a história brasileira – junto com o estado, as classes sociais. A partir deste período, e até os dias de hoje, nesta parte do globo em especial, o conflito de classes se confunde com o conflito “racial”, os afrodescendentes e indígenas ocupam, em sua maioria, as classes mais inferiores da sociedade, e as classes mais altas são constituídas, em sua maioria, por pessoas de ascendência europeia.

2. METODOLOGIA

O marxismo nos permite estudar a história, a educação e a cultura do ponto de vista crítico. Tal ponto de vista crítico tem nos permitido identificar as ideologias de dominação criadas para a manutenção do poder político, econômico e social. Como as ideologias utilizadas para justificar o extermínio de índios, a escravização de negros e a exploração de trabalhadores, entre outros, que possibilitou às classes mais altas a permanência no poder até os dias de hoje, de maneira pouco contestada. Assim, aboliu-se a escravidão, mas não se aboliu a

pobreza e os negros que antes eram escravos tiveram que trabalhar para os mesmos senhores na condição de proletários, continuando a contribuir involuntariamente para o crescimento dos descendentes daqueles que, no passado, voluntariamente escravizaram seus antepassados.

O materialismo histórico dialético é a compreensão de que a realidade material é uma realidade histórica ou um fruto da história. Sem se estudar a história é impossível compreender a realidade em que vivemos, seria como olhar a ponta de um iceberg e desconsiderar os 90% que estão submerso. Por outro lado, não seria útil conhecer a história como uma sequência de eventos, desconsiderando as transformações nos pensamentos, nos meios de produção, na cultura das populações e seus conflitos. O estudo que corresponde à comparação entre os lados opostos da sociedade, ricos e pobres, senhores e servos, brancos e negros, homens e mulheres, superestrutura e infraestrutura, realidade imaginária e realidade material, entre outros opostos que dialogam, que fazem parte de um todo, acrescentam a denominação “dialético” ao método marxista (MCGUIRE, 2006). Por isso a arqueologia, que se utiliza da história e da antropologia, bem como com elas colabora, tem o seu potencial político, podendo ser um instrumento revolucionário de ação, transformação e crítica social, ou ao contrário, um instrumento de dominação nacionalista e conservador a serviço das classes dominantes.

A longo prazo, os vestígios e artefatos que são o objeto de estudo da arqueologia tendem a representar não uma individualidade, que se perde no tempo, mas uma classe social e, assim sendo, o materialismo histórico pode ser de grande utilidade no estudo da arqueologia. Tais vestígios podem nos contar sobre a luta de classes, se bem interpretados, muito mais do que os registros escritos que, por sua vez, são de fácil manipulação, e tendem a contar a história do ponto de vista das classes letradas que quase sempre foram as classes dominantes.

Por outro lado, o marxismo, mais do que uma metodologia para estudar e criticar o mundo, é uma ferramenta para a sua transformação, através da Práxis Revolucionária que a distingue de todas as outras formas de arqueologia (MCGUIRE, 2012). Assim sendo, a Arqueologia Social, ramo da Arqueologia Marxista que se desenvolveu na América Latina, tem contribuído na criação de museus comunitários, pertencentes à comunidade e que servem como fonte de renda para a mesma, além de contribuir para que a história contada não seja a do lado opressor, ajudando na conscientização e na busca por justiça, igualdade e reconhecimento cultural e social.

3. RESULTADO E DISCUSSÕES

Pelotas é uma das cidades mais antigas do Rio Grande do Sul e do Brasil, sua relevância histórica é indiscutível. A cidade que foi conhecida como “A Princesa do Sul” devido à sua importância cultural, bem como a “Atenas do Rio Grande do Sul”, foi também um centro econômico e industrial do estado, onde se travaram inúmeros conflitos políticos e onde se deu um dos piores processos de escravidão no país. Hoje ela é a cidade com maior número de negros no interior do estado, porém, a despeito de todo o processo de escravização que se deu na cidade, não há um museu da escravidão ou para o negro, mas há muitos museus para barões e baronesas. A história que se conta nas salas de aula ainda é a que mostra o europeu como o criador da história e da nação, não se reconhece a contribuição cultural do negro e pouco se critica a opressão engendrada pelo processo de escravização. As mansões da aristocracia pelotense são

preservadas e mostradas com orgulho, construídas por este ou aquele arquiteto francês, italiano ou português, a mando de tal ou qual barão... Será mesmo que foram eles que as construíram? De onde vinha a riqueza que estes senhores, muitos dos quais abolicionistas (FERNANDES, 2007), utilizaram para suas obras e manutenção dos seus respectivos status aristocráticos? Para onde foram os negros libertos? Onde eles foram viver e trabalhar e em quais condições? Estas perguntas são o resultado de uma abordagem Marxista da realidade de Pelotas. A resposta para elas, são o que o estudo de Arqueologia Social aplicada à região deverá encontrar.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho ainda está em andamento. Se, contudo, podemos concluir algo até o momento, é que a história que se contou por aqui, a história que é conhecida pela população e até mesmo a história que se conta com maior ênfase, seja nas escolas de ensino básico ou nos museus, é a história dos latifundiários, dos senhores de escravos, barões e baronesas e abolicionistas brancos. Todos eles, ricos senhores donos dos meios de produção, e que, através deste monopólio sobre algo essencial à vida, dominam uma classe que de liberta só tem a falsa atribuição. A história do negro e do índio, do trabalhador e da trabalhadora, das pessoas que verdadeiramente construíram esta sociedade, permanece na “pré-história” brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNANDES, Florestan.; **O NEGRO NO MUNDO DOS BRANCOS**, apresentação de Lília Moritz Schwarcz. 2ª edição, São Paulo: Global editora, 2007.
- MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. RocketEdition, 1999.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA**. Lisboa, Portugal: “Avante!”, 1997.
- MARX, Karl. **O Capital. Vol. I**. 2ª edição, São Paulo: Nova Cultura, 1985.
- MCGUIRE, Randall H.; **ARCHAEOLOGY AS POLITICAL ACTION**. University of California Press, 2008.
- MCGUIRE, Randall H.; **MARX, CHILDE, AND TRIGGER**. Binghamton University, Outubro 2006.
- MCGUIRE, Randall H.; O'DONOVAN, Maria; WURST, Louann. **Probing Praxis in Archaeology: The Last Eighty Years**. University of Florida, 10 Janeiro 2012.
- MCGUIRE, Randall H.; RECKNER, Paul. **Building a Working Class Archaeology- The colorado Coal Field War Project**. NY: University Binghamton.
- ORSER Jr. Charles E. *Rumo a uma arqueologia histórica global: um exemplo do Brasil*. In.: **Vestígios** – Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica; vol 6, n 2, jul-dez., Belo Horizonte (pp.185-215), 2012
- TRIGGER, BRUCE G.; **HISTÓRIA DO PENSAMENTO ARQUEOLÓGICO**. 2ª edição, ODYSSEUS, 2004.